

**A CORPOREIDADE QUE ULTRAPASSA O CORPO:
o corpo da psicanálise, o corpo da educação e o corpo da arte.**

Ceila Portilho Maciel¹

Comunicação Oral – GT Artes e Música

Resumo

Aonde cabe e como se move o corpo na educação? Como se molda o corpo na sociedade? Como se de-forma o corpo nas instituições de ensino? Em que dimensões a arte corporal pode contribuir para pensar este corpo na educação e na sociedade? Tais perguntas acerca do corpo, do lugar e do não lugar do corpo na sociedade e na educação, foram o ponto de partida da pesquisa que nos levou, inicialmente à psicanálise. Um breve mergulho na consagrada noção de corpo pulsional, o corporeidade da psicanálise, foi necessário para aprofundarmos a compreensão do corpo do sujeito como o conhecemos na nossa sociedade. Este corpo efeito de marcas afetivas, culturais e significantes. Porém um corpo impossível de ser reduzido às mesmas marcas que o constituem. Neste ponto operou-se um corte nesta relação fecunda da pesquisa com a psicanálise. Já não podemos, assim como não pode o corpo, caber nos conceitos e instâncias que tenderam ao dogma, contrariando a dinâmica própria da origem da psicanálise, e enclausurando, assim como o fez a civilização, o ser do corpo às lógicas do intelecto, às regras da racionalidade e às leis do mercado. O corpo escapa e não se limita à dicotomização corpo/mente, extrapola toda conceituação e invade as fronteiras do impossível de significar. Assumimos os riscos da quebra de paradigmas, desde a formalidade normativa às amarras conceituais, para em última instância buscar expressar a verdade do corpo, em ser corpo. Buscando num surto utópico e fantástico reivindicar a inefabilidade e o direito à libertação do corpo, nas instâncias da psicanálise, da educação e da sociedade. Para tanto invadimos o terreno das artes do corpo e procuramos dar voz ao corpo. Que viva o **CORPO!!!**

Palavras-chave: corpo, psicanálise, educação, arte e sociedade

¹ Mestranda da Faculdade de Educação/PPGE/UFG ceilaportilho@gmail.com

**A CORPOREIDADE QUE ULTRAPASSA O CORPO:
o corpo da psicanálise, o corpo da educação e o corpo da arte.**

Ceila Portilho Maciel²

Comunicação Oral – GT Artes e Música

*O Olho vê
A lembrança revê
A imaginação transvê
É preciso transver o mundo.*

Manoel de Barros

Prólogo

Em um gesto de alienação, para além dos moldes acadêmicos, porém desejanste de acostrar a verdade, fantasio um encontro intencional com o real e me permito, por instantes, esquecer que esse jogo de representação linguístico é fadado ao fracasso. Almejo fantasisticamente, numa atividade alucinatória que evoca ultrapassar o imaginário e o simbólico, aceder ao nível da anúnciação: me lanço, portanto, entregue aos efeitos do significante e, num delírio narcísico e fora de contexto, desejo descaradamente elevar o texto à dignidade da Coisa, à Coisa freudiana para além da linguagem, e à sublimação, enquanto criação artística.

Quero (ou mais desejo) escrever este texto com meu corpo-arte, meu corpo pulsional – meu eu inconsciente; lançando meu corpo no texto, buscando e rebuscando a possibilidade de me inscrever nele, não só enquanto fala desejanste, e dúvidas, mas numa relação claramente subjetiva com a verdade, assumindo este sujeito que sou (e que vos fala sem saber), como sujeito do inconsciente, este mesmo sujeito da psicanálise e da arte; forjando, portanto um discurso de estrutura descontínua e inconclusa (geradora de repetições) - e repito - numa relação claramente subjetiva com a verdade, assim como com o que seja a forma acadêmica “correta” e os seus preceitos.

Arrisco muito, porém, e digo: Vamos ao ato!! E, de fato, me divido à deriva, em busca do objeto perdido – O CORPO.

² Mestranda da Faculdade de Educação/PPGE/UFG ceilaportilho@gmail.com

Introdução – tentando caber na convenção, porém espelhando (refletindo e refratando) a resistência

A questão “verdadeira” da (“verdade” da) psicanálise

Como se dirigir ao Outro, ao lugar da verdade e buscar na divisão do eu (onde me desafio a enfrentar a dissolução da minha própria alienação) para, na busca de escrever algo, desejante de bordejar o real, forjar uma ilusão de anunciação, ainda que momentânea e efêmera, no enfrentamento com o suposto saber.

Inevitavelmente transfiro, resisto e fecho; tapo todos os sentidos – das portas de entrada às de saída – do inconsciente, criando mais uma fantasia, repetindo a minha alienação, consciente e inconsciente, de argumento em argumento, neste enfrentamento com o Outro e com o eu ideal, sem inicialmente encontrar a linguagem para expressar o corpo.

Continuo enlaçada, tentando uma articulação significativa, tentando enunciar o desejo que pulsiona, que é desejo de desejo de falar da Coisa inacessível; enquanto escapolem os restos - puro inconsciente (se é possível) em ser o próprio engano, manifesto. Mentindo para mim, portanto, antes que para o Outro, na fantasia e ilusão de escapar da condição de homúnculo e sulcar o real.

Sem dúvidas minto, me engano, me iludo enquanto acredito ser possível enunciar aqui a verdade do eu ser sujeito, assim como a verdade do ser corpo do humano, enodado entre real, simbólico e imaginário; minto, em fantasia, acreditando convicta no que crio como mentira, desejando forjar o Ato, para bordejar através da escrita o real inassimilável do corpo e da existência, da condição de sempre ser o que não se é, onde não se está (mas que se projeta no Outro para justificar este suposto eu ideal).

Urge finalmente o enfrentamento formal com o referencial da psicanálise em se bordejar o corpo humano acossado na educação. Ainda que ciente e inconsciente de que só se pode falar do real, como exercício languageiro, como práxis própria do paradoxo do real irreduzível à conceituação – neste saber que não há como ser concebido de forma conclusiva, mas que sabemos que é; e que nos move: corpo, psique e (quicá) alma.

Isto que escapole a toda a compreensão definitiva é o que se pretende inscrever aqui, como feixe de associações, (repito que repito) desejante de anunciar algo do que

seria o lugar do corpo do sujeito, do corpo do sujeito do inconsciente na teoria psicanalítica, do corpo que pulsiona na arte e na educação.

Apresentação – Forjando a ferro, fogo. Sem efeito...

Como Freud ultrapassou a noção de corpo biológico?

Sigmund Freud, entre tantos outros achados geniais, ao longo dos seus estudos, percebeu no comportamento do homem e no corpo humano, uma peculiaridade bastante distinta do que entendia como o corpo biológico dos animais. Ele anunciou um corpo, que ultrapassa o orgânico do corpo abordado pelas ciências biológicas, e inaugurou o conceito de corpo pulsional (FREUD, 1915).

Tal categoria, “corpo pulsional” é construída a partir de outros tantos conceitos por ele sulcados, (tão complexos, extensos e irreduzíveis como este), que, porém não poderemos aqui neste breve esboço de artigo desenvolver e elucidar, mas que estarão de alguma forma contemplados, enquanto base e perspectiva para falar do corpo da psicanálise e posteriormente para relacionar ao corpo da arte e ao corpo da educação.

Alguns destes conceitos e categorias, tais como: divisão do sujeito, objeto de desejo, castração, recalque, inconsciente, rede de significantes, pulsão, repetição, transferência, falta, das Ding (a Coisa), real, etc., são fundamentais e relevantes para abordarmos o que nos toca em relação ao conceito de corpo pulsional e às questões que a partir daí nos movem.

Sem a possibilidade de, neste espaço/tempo elucidá-los com clareza, urge então introduzi-los (com um quê de fálico), abrindo o acesso ao objeto do desejo deste exercício de escrita e forjando, ainda que de forma bruta, o que seria uma síntese (quase grotesca e nada condizente com a grandeza das contribuições de Freud), de um enlaçamento entre estes conceitos, que permita isolar posteriormente, sem fazer despençar do nada absoluto, o conceito de corpo na psicanálise.

O pioneiro da psicanálise nos trouxe à luz mecanismos determinantes na constituição do sujeito - este indivíduo humano, desde as primeiras marcas que lhe são inscritas na sua história. Percebeu e iluminou a influência da relação da mãe, do pai ou dos cuidadores, na constituição do aparelho psíquico deste sujeito e mesmo dos efeitos,

marcas e afetos que até o desejo, a ausência ou a presença destes, forjavam neste sujeito humano - que, diferente dos outros animais, permanece tanto tempo e irremediavelmente dependente e, à mercê, das influências dos cuidadores.

Algumas das etapas que compõe o processo de constituição do sujeito são deveras complexas e incluem conceitos irredutíveis; apesar disso, Freud foi notável em sua habilidade de encontrar meios de elucidá-los evidenciando, com uma riqueza de detalhes (que sem dúvida, contribuíram para fazer compreender pela nossa sociedade), a importância dos mesmos - especialmente do inconsciente, na formação do sujeito. Ao menos o sujeito da nossa cultura e civilizações afins.

Este feito, inclusive, pela grandiosidade do universo que trazia a luz, e, pela radicalidade e acuidade da sua percepção, conduziu a uma mudança sem volta e com efeitos inúmeros e incomensuráveis, da percepção do homem por ele mesmo e, portanto, também radicalmente, dos rumos e do desenvolvimento da nossa cultura e sociedade, especialmente no que concerne ao lugar e marcas do sujeito na civilização.

UM SALTO (na idéia e para fora da estrutura)

O pensar na incomensurável contribuição de Freud para a compreensão das instâncias e dinâmicas do funcionamento do organismo e da psique humana, e, no quanto tais reflexões por ele inauguradas transformaram definitiva e irremediavelmente, além da percepção, a relação do homem consigo mesmo, com o outro e com a sociedade, pode causar certo estranhamento.

Sigmund Freud, o homem que transformou a compreensão do universo e do papel do inconsciente, abriu para ciência da sociedade o campo das pulsões e de uma sexualidade latente e presente, e, incorporou a verdade enquanto verdade do sujeito; transformou e revolucionou a sociedade, provocando efeitos, cujos ecos ainda se sente.

Faz-nos no fluxo da comoção, gerada pelo estranhamento, até nos implicar a ponto de querer repetir as marcas do pensamento freudiano na sociedade, como se fosse possível nos apropriar delas como marcas nossas. Move-nos a almejar tais efeitos buscando reproduzi-los na nossa própria escrita, ao menos tornando-nos sujeitos da nossa possível verdade: a verdade freudiana do sujeito.

Neste caminho de esboçar o quê da psicanálise fez efeito e marca nessa minha trajetória, enquanto sujeito na pesquisa acadêmica, em exercício dialético na busca da verdade, me pauto pelo que me move, consciente e inconscientemente, inicialmente do corpo-arte à educação, e, escolho o arriscado caminho da ética da psicanálise, assim como foi posto por Lacan no seminário VII (1959 – 1960), e então, parafraseando-o assumir o *não ceder do meu desejo*.

Qual é então o desejo que me move, que pulsiona sempre de novo, neste percurso em busca da verdade do corpo, que não quer calar e que fala mesmo sem saber?

É o desejo de falar do corpo, com o corpo. Será isso possível em alguma instância da palavra? Antes que o corpo se rebele e saia a dançar, volto ao tema que me proponho a pensar, (tentando me enquadrar em algum relance de formalização acadêmica): A questão do corpo pulsional, do corpo do sujeito da psicanálise.

DE VOLTA AO SOLO

Volto então à teoria psicanalítica para abordar o inconsciente, como pilar fundamental deste universo. Apesar de ter sido de início “vastamente contestada” a noção de inconsciente é central para se compreender e lidar com o universo da psique humana. Segundo Freud, em relação às vastas críticas, “Podemos responder que a suposição do inconsciente é necessária e legítima e que dispomos de numerosas provas de sua existência. Ela é necessária, porque os dados da consciência têm muitas lacunas” (1915, p.19) e acrescenta “a maior parte daquilo que chamamos de conhecimento consciente se encontra necessariamente e por longos períodos em estado de latência, ou seja, num estado de inconsciência psíquica.” (1915, p.20).

Neste contexto acreditamos ser suficiente, inicialmente, que tomemos o inconsciente por uma instância à qual não temos acesso de forma consciente, mas, que também nos constitui e faz mover nosso aparelho psíquico; assim como deságua, provoca, instaura efeitos no corpo, determinando como estamos e nos relacionamos no mundo, como percebemos e como nos movemos. Porém como um sistema que nos move de forma autônoma, sem que saibamos por que, de onde e como isto opera. “Um furo no saber” diria Lacan décadas mais tarde. (1959).

Freud inaugura então uma nova abordagem do inconsciente e dos seus efeitos, elaborando conceitos cada vez mais complexos e intrincados para elucidar o funcionamento do aparelho psíquico e instituindo progressiva e definitivamente o lugar do que passa a reivindicar como sendo uma nova ciência – a psicanálise.

Na medida em que desenvolve a categoria do inconsciente, vai sulcando também a noção de “trieb”, termo por vezes tomado e traduzido como instinto e que no decorrer do desenvolvimento da sua teoria vai assumindo definitivamente o lugar de pulsão – instância extremamente complexa que, como outros conceitos freudianos, se transforma significativamente ao longo de seus estudos, e que, ainda hoje se mostra bastante controversa nas múltiplas representações, interpretações e abordagens que possibilita.

A noção de pulsão é fundamental para este trabalho, visto que, nas nuances e desdobramentos da sua conceituação por Freud, - entre o psíquico e o somático, entre o mental e o físico, mas, absolutamente determinantes dos movimentos do aparelho psíquico, é que se desenvolvem as bases para se elaborar a noção de corpo simbólico e corpo pulsional.

As pulsões, “os representantes de todas as forças que se originam no interior do corpo e são transmitidas ao aparelho mental, *desde logo o elemento mais importante e obscuro da pesquisa psicológica.*” (grifo nosso) [1915] (1996 p.45) continuam, portanto, mesmo para Freud, sendo um universo misterioso. Porém a relação direta entre inconsciente e pulsão fica desde o início explícita. “O núcleo do Ics é composto de representantes pulsionais desejosos de escoar sua carga de investimento – em outras palavras, é composto de impulsos de desejo.” (1996 p.37)

Vai se construindo o entendimento de que as pulsões, originárias no universo inconsciente, se manifestam insistentemente no corpo, sendo, porém mecanismos repletos de carga psíquica. Entra em jogo então a noção de um corpo movido pelo inconsciente, resultante das marcas da linguagem neste sujeito.

A pulsão como linguagem que ressoa no corpo, este corpo que é pulsional e, portanto corpo efeito de um inconsciente com estrutura de linguagem.

O que seriam essas marcas de linguagem no corpo deste sujeito do inconsciente?

A psicanálise pressupõe que o indivíduo que vem ao mundo é, já desde o ventre, maculado pela linguagem, pelo desejo da mãe. Já antes de nascer o sujeito é, portanto impregnado por uma rede de significantes que é próprio da estrutura da linguagem – linguagem que seria condição de ser humano.

A partir daí, e do nascimento, decorrem uma série de eventos, que envolvem e enredam a percepção e as reações deste humano recém nato e a sua relação com os estímulos internos e externos (endógenos e hexógenos), com as demandas orgânicas e do ambiente e, determinam, portanto a construção da sua história

Freud desenvolve ao longo de décadas, intrincados conceitos, para falar do que chama de complexo de Édipo – o processo que, na psicanálise freudiana é reconhecido e posteriormente aprofundado em Lacan, como a entrada do sujeito na linguagem, na cadeia de significantes. Quando este sujeito então é marcado e se constitui, como sujeito dividido, pelo próprio corte da linguagem, efeito da relação do sujeito com o outro, inaugurando a condição de [S] sujeito barrado – sujeito que se constitui deixando algo de fora, um resto, ao qual ele não terá mais acesso, mas que, paradoxalmente continuará sempre pulsionando, retornando como falta, como desejo, como impossibilidade de satisfação do desejo.

É claro que falar do complexo de Édipo e da constituição do sujeito em um parágrafo é senão uma insanidade, um ato quase irresponsável enquanto exercício acadêmico, mas o faz-se apenas para trazer a tona o conceito que aqui interessa, que já foi dito repetidamente e que advém, no sujeito da psicanálise, deste processo de constituição do sujeito enquanto efeito de linguagem.

Seria, portanto, no suposto momento inaugural da constituição do sujeito, onde ele é irremediavelmente marcado pela linguagem, o momento também de constituição deste corpo simbólico – o corpo efeito da rede de significantes, regido pela dinâmica de funcionamento e encadeamento desta rede: este corpo do sujeito da psicanálise, o corpo pulsional ou o hoje nomeado pelos psicanalistas lacanianos, o corpo linguagem.

Por que tanto interesse em falar do corpo linguagem da psicanálise? O que leva a escolha deste, como tema inicial de um trabalho sobre o corpo e a arte corporal, no universo de pesquisa que pensa a educação e mais especificamente o corpo na educação?

Neste ponto é suficiente dizer que tendo por objetivo pensar o corpo – o que é o corpo e o lugar do corpo na educação nos parece imprescindível compreender a consagrada noção de corpo da psicanálise. Partindo dessa perspectiva, vai-se buscar elucidações e um alargamento da compreensão do que seja o corpo deste sujeito na nossa cultura, para posteriormente perguntar o lugar do corpo na educação.

Vale dizer ainda que o lugar de origem deste sujeito que escreve este texto é o lugar de um sujeito que trás na sua história a vivência do corpo nas artes do movimento, além de uma formação acadêmica em artes – nova dança. Isso determina claro então não só a perspectiva, os desafios e as questões que se seguem, como também o imperativo de trazer algo da dimensão da arte, do espaço do corpo sensível e criativo pra dentro dessas reflexões, incorporando e recriando os efeitos de um ser artista do corpo a escrever algo sobre o corpo da psicanálise, sendo ainda um ser corpo da arte em busca de acenar futuramente para a questão do corpo no sistema educacional.

A busca, neste momento então, é a de nomear o corpo da psicanálise, o dito corpo linguagem – que segundo Lacan trata-se de ter o corpo mais que ser o corpo – mas, iluminando especialmente a dimensão do real do corpo, do corpo além do significado, além do imaginário e do simbólico; ou seja, falar talvez das instâncias anteriores, posteriores e inatingíveis aos efeitos do significante, e que movem o corpo em todas as dimensões do real, inclusive nos ditos processos educacionais. Buscamos, portanto o suposto original ser do corpo – que talvez remeta à falta, à hiância, à Coisa freudiana, inominável, aos ecos do das Ding irredutível em Lacan, e, às dimensões do impossível.

Pulsionando o corpo na compreensão da teoria... Escapole um grito:

Estou convencida de que a linguagem do corpo, mas principalmente, o ser do corpo (que pulsiona e reivindico), não pode ser apenas efeito de uma linguagem estruturada pelo significante, da maneira como apresenta, inicialmente, a psicanálise.

Na práxis do corpo artístico, no corpo sensível, este corpo do movimento criativo e da dança, fica muito claro que a linguagem corporal, plena de inconsciente, de pulsão e de outras tantas instâncias inefáveis, não pode ser lida apenas como estrutura material.

A menos que se considere, sim então, a matéria como espaço, luz e além, como cheio, vazio e inominável, como linguagem, silêncio e mais além; donde deduzimos que também o inconsciente só poderia ser lido como estrutura, com materialidade, na medida em que considerássemos matéria como espaço, luz e além e estrutura como forma, conteúdo e dinâmica entre o ser e o não ser, entre a linguagem e a falta ou a ausência dela.

Se para a psicanálise tudo no sujeito é efeito de linguagem, na práxis da arte corporal, vive-se a evidência, de que, o corpo não cabe na estrutura significante, não vibra apenas na dimensão da linguagem, como não se reduz a uma materialidade! Assumo, ainda que com uma sensação de solidão e abandono e, por falta de opção, a autoria e o risco destas afirmações, ainda que deseje de descobrir quem já o tenha escrito com “autoridade” reconhecida e consagrada no mundo acadêmico...

A questão que sobra aqui, que escapole, “pulsionando” para além das fôrmas acadêmicas, é o fato de que infelizmente, o corpo sob a perspectiva que queremos trazer, ainda não cavou um lugar relevante no âmbito das ciências humanas, e curiosamente nem mesmo no campo da educação, aonde urge. Posto que na maioria dos casos os artistas do corpo, neste universo sensível e criativo, normalmente estão a viver, compartilhar e recriar as experiências sensíveis e criativas deste corpo, na práxis da arte, na educação pela arte, mas, em pouquíssimos casos, nas tradicionais instituições de ensino, ou ainda menos nas pesquisas acadêmicas e científicas.

Lanço-me em movimento, como um pedido de socorro, em direção a Roland Barthes, buscando um grande alguém que endosse essa perspectiva ainda à margem; algum referencial teórico digno de reconhecimento acadêmico, na linha de pesquisa em que me movo, que sinalize para a multiplicidade e inefabilidade do ser do corpo. Barthes, generosamente, presenteia não só com um corpo múltiplo e irredutível, contemplando a relação corpo – linguagem, mas, iluminando para além; e ainda, como bônus, anuncia a relatividade do ser do texto e do corpo do texto.

Parece que os eruditos árabes, empregam esta expressão admirável: o corpo certo. *Que corpo? Temos muitos*: o corpo dos anatomistas e dos fisiologistas; aquele que a ciência vê ou de que fala: é o texto dos gramáticos, dos críticos, dos comentadores, dos filólogos (é o

fenotexto). Mas nós temos também um corpo de fruição feito unicamente de relações eróticas, sem qualquer relação com o primeiro: é um outro corte, uma outra nomeação; do mesmo modo o texto: ele não é senão a lista aberta dos fogos da linguagem (esses fogos vivos, essas luzes intermitentes, esses traços vagabundos dispostos no texto como sementes e que substituem vantajosamente para nós as ‘*semina aeternitatis*’, os ‘*zopyra*’, as noções comuns, as assunções fundamentais da antiga filosofia). O texto tem uma forma humana, é uma figura, um anagrama do corpo? Sim, mas de nosso corpo erótico. O prazer do texto seria irreduzível a seu funcionamento gramatical (fenotextual), como o prazer do corpo é irreduzível à necessidade fisiológica. O prazer do texto é esse momento em que meu corpo vai seguir suas próprias idéias – *pois meu corpo não tem as mesmas idéias que eu.* (grifos meus) (1996, p. 25-26).

Fazendo efeito a teoria no corpo, sob efeito do silêncio poético irreduzível...

Impossível calar a pergunta: O que existe no corpo antes da linguagem? Longe do desejo de buscar esta resposta quer-se fazê-la ressoar em eco infinito.

Apesar de a psicanálise não abordar esta questão, encontra-se em vários momentos da sua extensa teorização, tanto em Freud quanto em Lacan, furos e indicações que possibilitam vislumbrar instâncias inomináveis para além da linguagem e da rede significante, que podem ser de grande riqueza para as reflexões na educação.

Freud na obra *O inconsciente* afirma: “...poderíamos comparar o conteúdo do Ics (inconsciente) a uma população psíquica ancestral. Se for verdade que há no homem formações psíquicas herdadas, talvez semelhantes ao instinto (Instinkt) animal, eles seriam o cerne do Ics.” (1915, p.44). O que no humano possivelmente ancestral...

Essa passagem, apesar de isolada na obra de Freud, reforça a idéia de que, apesar de sermos distintos dos outros animais, continuamos sendo animais, e que instâncias ancestrais e instintivas continuam a mover nosso inconsciente e nosso corpo, independente de como se dê ou não se dê a constituição e o desenvolvimento do sujeito.

Faz-se necessário neste ponto trazer um outro conceito de Freud, talvez ainda mais irreduzível do que o conceito de pulsão, o conceito de a Coisa, em Lacan o *das Ding*. Segundo Lacan no seminário VII “O que há em *das Ding* é o verdadeiro segredo” (2008, p. 60).

Das Ding é o que na constituição do sujeito fica de fora deste sujeito, como furo, como hiância, mas, que segundo o arcabouço teórico da psicanálise continua regendo todo o funcionamento do aparelho psíquico. Ou seja, falando da relação entre sujeito e *das Ding*, poderia se dizer que o sujeito é um ‘eu’, portanto ilusório e incompleto, de início e para sempre, que começa a se constituir, enquanto organização egóica, quando deixa de fora algo que é, quando esquece o que era antes, para então se constituir subjetivamente; mas, que continua a partir de sua constituição como sujeito, sempre regido pelo que deixou de fora e que vem a ser na psicanálise freudiana o *das Ding*, o grande mistério, o irreduzível e onipresente *das Ding*.

Por que trazer o conceito de *das Ding*? Justamente porque o *das Ding*, assim como o real, ainda que entendidos como registros do inconsciente, são da ordem do que na psicanálise remete para o além da linguagem e, talvez, para o impossível da onipresença da rede de significantes no corpo do sujeito, ou seja, algo que fica de fora desta rede de significantes, que o sujeito era antes de se constituir, mas que continua movendo-o. Sendo ainda e também constitutivo deste sujeito, e do corpo deste sujeito. Se é algo que, para além da rede de significantes continua a mover o corpo, falamos então de um corpo, portanto irreduzível à noção de corpo linguagem enquanto corpo governado exclusivamente pela cadeia significante.

Ainda que Lacan, por exemplo, defenda esta onipresença: “...é bem evidente que as coisas do mundo humano são coisas de um universo estruturado em palavras, que a linguagem, que os processos simbólicos dominam, governam tudo.” (2008, p. 59). Ele próprio sinaliza em muitos momentos, assim como quando fala da instância do real na psicanálise, o para além do significante no corpo, algo da ordem do furo, da hiância, que escapole à materialidade da linguagem.

Relacionando a Coisa, o real e o sujeito, em outra passagem do Seminário VII, Lacan afirma que a Coisa “se apresenta sempre como unidade velada” (...) “se ela ocupa esse lugar na constituição psíquica que Freud definiu sobre a base temática do princípio do prazer, é que ela é essa Coisa, o que do real – entendam aqui um real que ainda não

temos que delimitar, o real em sua totalidade, tanto o real que é o do sujeito quanto o real com o qual ele lida como lhe sendo exterior – o que, do real primordial, diremos, padece do significante.” (2008, p. 144).

O real, portanto, e talvez especialmente o que seria este “real primordial”, assim como a Coisa são na psicanálise, a nosso ver, noções fecundas para pensarmos o corpo. Um corpo, sem dúvida, marcado pelo significante, mas não apenas efeito dele; que é também movido por instâncias irredutíveis, inefáveis e repito inomináveis, que falam de uma ordem para muito além de toda essa parafernália significante; anunciam muito além do que a ciência, qualquer uma delas e todas elas juntas, possam pretender classificar como sendo o corpo. Um corpo real que escapa ao significante, para além inclusive do que podemos compreender como o real do corpo.

É importante ressaltar aqui que, quando a psicanálise coloca o desejo no outro, ou seja, na linguagem, na cultura e fora do corpo e assume que, este que nomeiam o corpo do sujeito, é todo corpo linguagem, corpo pulsional efeito de significante, ela opta claramente por excluir o que chama de corpo biológico, ou corpo original, mas também deixa de fora outras possíveis instâncias deste corpo. Ao se separar o “ser corpo” (animal, instintivo), do “ter corpo” (humano, efeito de significante e, portanto expressão de cultura), reforça-se sim, indubitavelmente a idéia de um corpo despedaçado, um sujeito dividido; e ainda, contribui para engessar a divisão hierárquica e ilusória, porém já sulcada e consagrada na civilização, a nefasta divisão corpo/mente.

É possível, porém adotar esta assunção do corpo linguagem, a partir da psicanálise, com o intuito de falar dos efeitos do processo cultural, civilizatório, de marcação deste corpo através da linguagem na sociedade; isto é claro e inquestionável.

O que não me parece ser necessário, nem condizente com o desejo de trazer a luz o que seja o humano e o corpo humano é, por outro lado, exilar as dimensões do chamado “corpo biológico” e mesmo os efeitos e origens do real do corpo, das instâncias para além da linguagem, que continuam constituindo e movendo o sujeito e o corpo do sujeito. Vejamos por exemplo esta passagem em que Lacan, no Seminário V, fala da implantação do significante no aparelho psíquico, distinguindo-nos dos animais:

“Como desconsiderar, em se tratando da realidade, que o significante entra efetivamente em jogo no real humano como uma realidade originária?” (1999, p. 230).

Pode-se imaginar que seja como uma realidade originária do processo de civilização do homem em sociedade, do fato de a cultura marcar claro, definitivamente, o corpo-psique deste sujeito, costurando-o de significante; questiona-se, porém a percepção de que possa ser originária da constituição do ser humano “em si” (o em si negado pela psicanálise) e principalmente de determinar um sujeito e um corpo regidos exclusivamente pelas leis da linguagem.

Entende-se até aqui, que a psicanálise nega essa origem ontológica do ser como possibilidade para o animal humano, afirmando de diferentes maneiras e em várias instâncias, como nesta outra passagem do Seminário V, que “não há sujeito se não houver um significante que o funde” (1999, p. 195).

Insiste-se em repetir esta questão, posto que a referida onipresença e marca do significante no corpo do sujeito, representam claramente aspectos da realidade cultural humana, em distintas civilizações, e fala sem dúvida de dimensões reconhecíveis quando se procura classificar e sistematizar o ser humano, mas, talvez não sejam as únicas dimensões existentes e determinantes do humano.

Vai-se buscar Lacan mais uma vez, agora, porém corroborando com nossa intenção de reclamar este lugar do ser corpo, para além do ter corpo, do corpo linguagem: “Nem a ciência nem a religião são aptas para salvar a Coisa, nem a nos dá-la, uma vez que o circuito encantado que dela nos separa é estabelecido por nossa relação ao significante. Como lhes disse, a Coisa é o que do real padece dessa relação fundamental, inicial, que induz o homem nas vias do significante.” (2008, p. 144)

Aonde fica o corpo então, o corpo linguagem da psicanálise, quando admite-se que as instâncias do real e do das Ding também constituem e movem o sujeito? Certamente o mesmo acontece com o corpo deste sujeito, ou seja, o corpo do sujeito também é regido por instâncias que “padecem de significante”, que vão além da linguagem, e, portanto, não poderia ser reduzido a um corpo linguagem.

Num giro volto-me novamente para Barthes, repetindo o pedido de ajuda, expressando, mais uma vez, o desejo de um outro grande Outro, que possa servir de apoio e inspiração nesta missão delicada de pensar o corpo, repito, além do corpo linguagem. Ao tratar do prazer do texto, Barthes trás insistente e poeticamente o corpo,

de forma extremamente fecunda, pro universo do texto, inCorporando no texto uma compreensão do CORPO para além da linguagem:

o grão da voz é um misto erótico de timbre e de linguagem, e portanto, tal como a dicção, também pode ser a matéria de uma arte: a arte de conduzir o próprio corpo (daí a sua importância nos teatros extremo orientais). Em atenção aos sons da língua, a escrita em voz alta não é fonológica, mas fonética; o seu objetivo não é a clareza das mensagens, o teatro das emoções: o que ela procura (numa perspectiva de fruição) são os incidentes pulsionais, a linguagem revestida de pele, um texto onde se possa ouvir o grão da garganta, a pátina das consoantes, a voluptuosidade das vogais, toda uma estereofonia da carne profunda: a articulação do corpo, da língua, e não a do sentido, da linguagem. (grifos meus) (1988, p. 116).

Talvez em nenhum momento a psicanálise tenha realmente intencionado reduzir o corpo a este corpo linguagem, mas fato é que deixou de lado o que seria o timbre, a pele, a carne profunda, o “ser corpo” além da categoria de corpo linguagem. Sem querer aprofundar a questão que se segue, mas estando também numa posição ética impossibilitada de calar, trago o tema como uma pergunta:

Não teria também a psicanálise deixado de lado realmente outras instâncias fecundas do corpo, não só na dimensão teórica, mas também na práxis do processo analítico?

O sujeito que vos fala de fora da psicanálise, e que ademais é de dentro da perspectiva do corpo e da práxis da educação pela arte, tem visto e ouvido falar da clínica psicanalítica, em especial da clínica lacaniana, (perdoe-nos a colocação apesar da pouca informação), sempre partindo, girando em torno e focada na proposta freudiana da associação livre, da prática do discurso, do domínio da palavra para desvendar os mistérios inconscientes que movem o sujeito.

Na prática corporal, por outro lado, vê-se e vivencia-se em larga escala os efeitos da tomada de consciência do universo corporal, os efeitos do movimento, da desconstrução e recriação dos padrões corporais, incidindo diretamente na psique do

sujeito. Percebe-se transformações significativas tanto na constituição da postura e relações corporais, como na postura e relação deste sujeito com o seu entorno, acontecendo natural e simplesmente pela mudança de percepção e relação com o corpo e com o movimento.

Independente de qualquer compreensão a nível consciente ou qualquer elaboração intelectual por parte deste sujeito, vê-se transformar sua relação consigo, com o outro, sua presença e a qualidade das suas relações no mundo. O sujeito se recria, transforma o que até então o constituía, participa de um processo criativo de re-formação da sua própria constituição.

É o que acontece quando o corpo entra em movimento, em uma abordagem sensível e criativa, quando entra em contato, através da percepção, com a história, as marcas, o espaço tempo, o vazio, a memória e o silêncio deste corpo. Poderia-se dizer que no trabalho corporal, assim como no processo da análise, emerge um campo inconsciente, que, neste caso já vem à tona em processo de ressignificação, de sublimação, enquanto criação neste ser corpo.

Não tenho um grande Outro pra citar neste momento. Apenas me pauto nos 25 anos de vivências, dedicação e entrega ao CORPO e a ARTE, sendo essas simples conclusões vivas, pulsantes e vigorosas da minha práxis. Assumo, portanto tranquilamente a autoria da elaboração como aqui se apresenta, porém sabendo que tantos outros do mundo do corpo artístico e do mundo das terapias corporais percebem e fazem elaborações semelhantes. Justifico a minha solidão, com certa tristeza, que não é maior porque encontrei Barthes a me dar a mão num pedaço de caminho, em função de que os referenciais teóricos, que trago ao longo da minha história com o corpo, não “dialogam” academicamente com a psicanálise ou com os referenciais teóricos praticados no âmbito da educação.

Apesar de sem referencial, e portanto tendo como referência eu mesma, apenas com meu corpo e, repito, com uma práxis de 25 anos com o corpo, insisto neste diálogo.

Repito que insisto, para reforçar o fato de que nas artes do corpo fica claro que: quando se meche no corpo e nas estruturas corporais, se transforma o psíquico (assim como o biológico e porque não dizer o anímico), se recriam as marcas de linguagem e outras marcas, se transformam as configurações do significante e muito além delas.

Quer-se com isso, sem nenhuma pretensão, lembrar que o ser do corpo, para além do corpo linguagem, poderia ter algo a dizer para o sujeito da psicanálise, para o sujeito da educação, assim como a noção de corpo pulsional, e o universo da psicanálise trazem um enriquecimento de perspectiva, em relação à constituição do sujeito que é este corpo, para o corpo da arte e da educação.

Não poderia ter a pretensão, neste esboço de artigo, dentro da minha pouca intimidade com a psicanálise, de dar conta das categorias e conceitos, nem mesmo os mais basilares, para elucidar realmente a questão corpo na perspectiva do real do corpo. Mas, ainda assim, quis assumir o risco, fora da zona de conforto, para, sendo ética comigo mesma e com as implicações da psicanálise em mim, não ceder do meu desejo e enfrentar o desafio de falar sem saber, mesmo com o peso dos limites e exigências acadêmicas acoessando e me assombrando. Fui sim, ser ética com a verdade do desejo, que fala alto no meu corpo pulsional, de sujeito extremamente desejante e extremamente corporal.

Posto que “sou corpo”, muito além da minha própria compreensão, muito além da minha capacidade de elaboração, muito além da consciência e da inconsciência deste corpo que tenho e que sou. Corpo que fala da ordem do muito além de si, pulsiona no campo do inominável e pulsa nas fronteiras do impossível de significar.

DesConclusão

Busco um contraponto à dominância da fala e da palavra na perspectiva e na clínica psicanalítica, evidente quando Lacan discorre sobre a implantação do significante no corpo e no sujeito, dizendo que: “o principal intermediário de sua experiência da realidade (...) é, apesar dos pesares a voz, o ensinamento que ele recebe provêm-lhe, essencialmente, da fala do adulto.” (1999, p.231). E pergunto: não estariam as teorias e metodologias na educação reproduzindo a mesma perspectiva e práxis?

Penso na forma e na presença do toque, do olhar, do gesto... Vislumbro o universo infinito, incomensurável e essencialmente inefável das marcas que afetam o corpo no nível da percepção sensorial; o universo dos cheiros, dos gostos, das texturas, da musicalidade dos suspiros, gemidos e murmúrios sem fala e sem palavra; imagino a intensidade e expressividade rítmica dos movimentos e sons corporais sem significado

ou com significado irreduzível a significantes; componentes que operam na constituição do sujeito em sua relação com os cuidadores, assim como na formação do indivíduo na relação com os educadores...

Ainda que se possa afirmar que tudo isso é linguagem... Não parece interessante reduzir todos os componentes semióticos à ordem da linguagem... Todo esse universo sensorio perceptivo, este universo de comunicação e comportamento entre os seres vivos de todas as espécies, não parece poder ser atrelado definitiva e inexoravelmente a o que quer que sejam as cadeias de significantes, ditas de privilégio e exclusividade dos humanos.

Este universo sem dúvidas remete ao “ser corpo”, que nos une ao corpo orgânico, instintivo e... irreduzível dos outros animais. Pode-se sim, até vislumbrar falar de linguagem, neste sentido, mas de uma dimensão de linguagem que não seria refém de uma cadeia de significantes, enquanto uma estrutura da ordem de uma materialidade, como insiste Lacan, e, atrelada à constituição do sujeito nos três tempos do Édipo, como comumente apregoa a psicanálise.

De repente, é inevitável pensar de novo, em repetição, que o desejo (meu) de bordejar, de nomear, de tomar a palavra para falar do real do corpo seja uma patética ilusão (ilusão alucinatória e narcísica do meu ego). Também é compreensível que mesmo Freud ou Lacan, com suas qualidades intelectuais que não precisamos mencionar e, com a extensão e a profundidade dos estudos do sujeito na psicanálise, não tenham podido expressar o corpo e o real do corpo senão pela forma imperfeita, pela falta, no campo do impossível – o que é próprio quando se busca representar o real pelos limites do enodamento simbólico, pela palavra.

Fica claro até aqui que enuncio desejante, uma revolta resistente em ser apenas S barrado, em ser mediocrementemente (e assumi-lo) um sujeito barrado, sempre segundo, sempre efeito e posterior ao significante e ao desejo do outro!

Não seria também pretensão gigantesca do homem querer reduzir o ser, humano que seja, a qualquer coisa que o defina e o comprima em limites tão marcados? Principalmente se já sabendo que no real o ser, ainda que humano, é irreduzível e fala do além do significante...

Me parece neste ponto, sinceramente daqui das profundezas da verdade subjetiva, ser impossível sustentar o corpo humano como apenas um corpo simbólico, como corpo que, mesmo múltiplo e irredutível às dimensões do imaginário, do simbólico e do real, continuaria sendo efeito direto de uma cadeia dominante, de uma rede de significantes que no sujeito tem o corpo. Corpo que deixou então de ser quando se constituiu como sujeito? Sim, na verdade vemos esse corpo que deixou de ser e passou a ter a si mesmo, como posição, status, máscaras e personagens ao longo da história da civilização; fato que vemos ser reproduzido com bastante fidelidade também nas escolas - eficazes meios de reprodução da cultura dominante e da instituída repressão dos corpos e das almas.

Reivindico, portanto, ou melhor, desejo no meu canto, como um grito instintual de quem se afeta, que os olhos da psicanálise, assim como os olhos da educação, possam também contemplar este além do real do corpo, oprimido, no corpo do sujeito da cultura, no corpo do sujeito civilizado, no corpo do sujeito da psicanálise e no corpo da educação. Quem sabe pelas vias da arte, quem sabe pelas vias do próprio corpo, fosse possível superar este paradoxo do homem, na clínica, na educação e na civilização.

Sem resposta pra essas questões, entro numa espiral, atemporal como o inconsciente, e penso que a arte talvez seja uma outra práxis, tão ou mais envolvida com o campo do real, como um encontro com o real, quanto a psicanálise quer ser na sua experiência da práxis clínica, e quanto a educação poderia, deveria fundamentalmente, ser na sua essência.

E, na arte, assim como na vida, na escola e no processo de análise, não seria inevitável dizer que o que se encontra com o real numa primeira instância é o **corpo**? Assim, finalmente conclamamos a psicanálise e a educação a um encontro real com o corpo (ainda que, deixando o enfrentamento acadêmico com a questão corpo/educação, o lugar e o não lugar do corpo na educação, para um momento posterior).

C O R P O

Volto ao corpo meu, e digo a mim mesma que, para seguir este referencial e fazer jus a ele, devo entrar agora de cabeça e se possível de corpo inteiro, na sedutora

dinâmica do eixo das associações; talvez para além dele, em associação livre me entregar ao seu devir... Me entrego, mais uma vez, ao menos à fantasia de, quiçá, finalmente chegar a sulcar o real num ato linguageiro, e fazer marca, afetar, quiçá, o corpo do outro, leitor, mas ao menos em desejo marcar o corpo da psicanálise, e principalmente acenar para o corpo oprimido da educação, que oprime o corpo na educação. Mas de tudo o que me resta desejar sem fronteiras é, ao menos, fazer afeto ao

meu **CORPO**.

C

O

R

n

O

Que te quero corpo...

Finalmente CORPO, repito CORPO...

O que é o corpo na arte? O corpo do movimento... O que é o corpo na arte do movimento? O corpo... O que é a arte no corpo do movimento? A arte do movimento... O que é a arte do movimento? O ser do corpo... O que é o ser do corpo?

O ser corpo... A arte de ser...

Ser e corpo se confundem

Corpo e ser se fundem

Ser corpo no movimento é arte...

Então o que é o ser corpo?

...

Ser corpo é ser simplesmente... É estar inteiro (o inteiro que não existe na psicanálise, na escola, mas que vibra na arte do movimento)...

É ser presença apenas, momento...

É a inteireza do gesto, e a plenitude do ar que passa pelo pulmão, brônquios, sangue, corrente sanguínea e pulsa – no corpo inteiro – este sim, INTEIRO.

Este é o corpo inteiro, o inteiro do corpo, pulsando, pulsionando, latejando toda a história do corpo num instante, presente.

O corpo do respiro, do suspiro, do espirro, do espasmo, do engasgo, do marasmo, do contrário disso tudo e do “me escuto”, do “te cheiro”, do “te lambo”, do me lambo também por que caiu o mel ou por que você não está, não importa...

Não importa se significa, se não significa, você ou o mel, não me esgotam...

Sou eu CORPO, muito além do que signo, do que finca, do que fica marca, do que fica e do que vai embora, afetando ou sem afetar...

Sou o corpo também da raiva, da ira, da resistência bem significativa de quando dizem que sou “isso” o corpo, posto claro!!! Que não caibo “nisso”!

Seja isso o que for que me agarre, que me afogue, que me sufoque por ter que ser algo, seja este algo lá o que for, em que tipo de linguagem que desejam me exprimir, me espremer – como corpo linguagem, como linguagem de corpo.

NÃO CAIBO!!!!!!

Não caibo no corpo eu mesma, nunca coube!

O corpo muito além de mim, de ti, de nós e de todos os outros e Outros possíveis...

O corpo é VIVO, isso sim é claro!

Mesmo assim escuro fico quando morro e me desfaço... Ai sim, no real, me despedaço.

Antes disso, o “corpo despedaçado”, não mais que figura de linguagem, não mais que fulgura nos píncaros da glória psicanalítica, da glória civilizatória e escolástica até nas escolas, este corpo linguagem...

*Doce, suave, exótico, erótico, patético, desgostoso, prazeroso, e ainda que irreduzível, podem sim designar linguagem, nomear, enjaular e sistematizar todas as descrições possíveis do corpo, que continuarei sendo impossível de significar, posto que impossível de abarcar o ser do corpo, o **SER CORPO***

Sinto apenas que sou corpo além de tudo posto, além de tudo dito, além de tudo composto, compreendido. Sou!

E nada que da palavra venha pode falar da verdade do real do corpo que sou, que és, que somos...

Podem querer tê-lo, fazê-lo, moldá-lo, enjaulá-lo, enclausurá-lo, enobrecê-lo, enaltecê-lo, banalizá-lo, desconstruí-lo e nada, nada, nada, nada mesmo reduzirá a um exercício linguageiro, a um engodo significante

O corpo do real

O corpo em ser

O ser corpo

*Apenas seja **CORPO** e então saberá, sem saber (o que é):*

CORPO

Referências Bibliográficas:

BARTHES, R. O prazer do texto. [1973] São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.

FREUD, S. *Além do princípio do prazer*. [1920] Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira – Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. *O inconsciente*. [1915] Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira – Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. *O instinto e suas vicissitudes*. [1920] Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira – Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, J. O seminário, livro 1: *Os escritos técnicos de Freud*. [1953-1954]. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1975.

LACAN, J. O seminário, livro 5: *As formações do inconsciente*. [1957-1958]. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1999.

LACAN, J. O seminário, livro 7: *A Ética da Psicanálise*. [1959-1960]. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2008.

LACAN, J. Seminário 11: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. [1964] Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.